

Elizangela Chaves Dias  
Leonardo Agostini Fernandes

# O cerco de JERICÓ

*Análise de Josué 2 e 6*



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Dias, Elizangela Chaves  
O cerco de Jericó : análise de Josué 2 e 6 / Elizangela Chaves Dias, Leonardo Agostini Fernandes. – São Paulo : Paulinas, 2022.  
136 p. (Coleção Literatura bíblica)

Bibliografia  
ISBN 978-65-5808-160-9

1. Bíblia – Estudo e ensino 2. Bíblia. A.T. Josué I. Título II. Fernandes, Leonardo Agostini III. Série

22-1502

CDD 220.7

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Bíblia – Estudo e ensino

Imagem de capa: Vaso antropoide de Jericó, período do Bronze Médio II (1750-1500 a.C.)  
Museu Arqueológico de Rockefeller, Jerusalém, Israel

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*  
*Matthias Grenzer*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegario Neto*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

1ª edição – 2022

---

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62  
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)  
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)  
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

# SUMÁRIO

Abreviaturas bíblicas .....	7
Siglas .....	9
Prefácio .....	11
Matthias Grenzer, PUC-SP	
Apresentação .....	15
Introdução .....	19
1. Nomenclatura .....	20
2. Quem foi Josué? .....	22
3. Estrutura e conteúdo do livro .....	24
4. Valores da narrativa do ponto de vista histórico-literário .....	28
5. Aspectos religiosos que se destacam no livro.....	31
6. Em síntese .....	32
Josué 2: A prostituta Raab e os espiões de Jericó.....	35
Elizangela Chaves Dias	
Introdução .....	35
1. Contexto literário .....	36
2. Tradução do texto a partir do hebraico .....	43
3. Estrutura e gênero literário.....	46
4. Comentário exegético-teológico .....	48
Considerações finais .....	65

## Josué 6: A conquista de Jericó pelos filhos de Israel..... 69

Leonardo Agostini Fernandes

Introdução ..... 69

1. Contexto literário ..... 70

2. Tradução do texto a partir do hebraico ..... 75

3. Estrutura e gênero literário..... 78

4. Comentário exegético-teológico ..... 80

Considerações finais..... 109

Posfácio..... 113

Cássio Murilo Dias da Silva, PUCRS

Referências bibliográficas ..... 119

Índice bíblico..... 127

# ABREVIATURAS BÍBLICAS

## ANTIGO TESTAMENTO

Gênesis.....	Gn	Cântico dos Cânticos...Ct
Êxodo.....	Ex	Sabedoria.....Sb
Levítico.....	Lv	Eclesiástico (Sirácida) ..Eclo
Números.....	Nm	Isaías.....Is
Deuteronômio.....	Dt	Jeremias.....Jr
Josué.....	Js	Lamentações.....Lm
Juízes.....	Jz	Baruc.....Br
Rute.....	Rt	Ezequiel.....Ez
Samuel.....	1Sm, 2Sm	Daniel.....Dn
Reis.....	1Rs, 2Rs	Oseias.....Os
Crônicas.....	1Cr, 2Cr	Joel.....Jl
Esdras.....	Esd	Amós.....Am
Neemias.....	Ne	Abdias.....Ab
Tobias.....	Tb	Jonas.....Jn
Judite.....	Jt	Miqueias.....Mq
Ester.....	Est	Naum.....Na
Macabeus.....	1Mc, 2Mc	Habacuc.....Hab
Jó.....	Jó	Sofonias.....Sf
Salmos.....	Sl	Ageu.....Ag
Provérbios.....	Pr	Zacarias.....Zc
Eclesiastes (Coélet) ...	Ecl	Malaquias.....Ml

## NOVO TESTAMENTO

Mateus.....	Mt	Tessalonicenses.....	1Ts, 2Ts
Marcos.....	Mc	Timóteo.....	1Tm, 2Tm
Lucas.....	Lc	Tito.....	Tt
João.....	Jo	Filemon.....	Fm
Atos dos Apóstolos.....	At	Hebreus.....	Hb
Romanos.....	Rm	Tiago.....	Tg
Coríntios.....	1Cor, 2Cor	Pedro.....	1Pd, 2Pd
Gálatas.....	Gl	João.....	1Jo, 2Jo, 3Jo
Efésios.....	Ef	Judas.....	Jd
Filipenses.....	Fl	Apocalipse.....	Ap
Colossenses.....	Cl		



# SIGLAS

aC	Antes de Cristo
AOP	Antigo Oriente Próximo
AT	Antigo Testamento
BH	Bíblia Hebraica
BHS	Bíblia Hebraica Stuttgartensia
col.	coluna(s)
LXX	<i>Septuaginta</i>
<i>Mscs</i>	Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas
n.	número
NT	Novo Testamento
OHD	Obra Histórica Deuteronomíco-Deuteronomista
p.	página
Pe.	Padre
TM <sup>l</sup>	Texto Massorético Leningradense
v.	versículo
vol.	volume
vv.	versículos
VV.AA.	Vários Autores
YHWH	Tetragrama Sagrado (SENHOR)





## PREFÁCIO

A Bíblia é um patrimônio cultural da humanidade. Trata-se, primeiramente, de textos com uma enorme *força poética*. Suas narrativas, seus poemas líricos e, também, seus conjuntos de leis foram artisticamente configurados. Quem gosta de ler algo bonito e bem escrito não deixará de ler a Bíblia.

No segundo momento, a Bíblia convida seus ouvintes-leitores e leitoras a acolher a *história*. História de um povo no meio de outros povos. História daquele mundo em que a humanidade se encontra. No caso, Israel se torna paradigma, sabendo-se que, desde as suas origens no pai Abraão, esse povo, em momento algum, chegou a existir sozinho. Ao contrário, sempre viveu na mais direta vizinhança aos demais povos no Antigo Oriente Próximo. Com isso, surgem relações bastante decisivas, tanto para Israel como para as outras nações.

Finalmente, a Bíblia é, sobretudo, um livro religioso. Promove uma enorme *reflexão teológica*. A beleza e a força poética de seus textos fazem vislumbrar a grandeza de Deus. Seu olhar para o mundo, com os seres abióticos, vegetais, animais e o ser humano, leva a pensar no Criador. E a história vivida pelo povo se torna transparente para a história da salvação.

Mesmo assim, apesar de toda essa sua grandeza, a Bíblia continua a ser um livro exigente. Por isso, além da oração,

é preciso estudar para bem entender a Sagrada Escritura. Nesse sentido, sempre de novo, a Igreja Católica fala em “priorizar a formação bíblica. O objetivo é a superação dos subjetivismos irracionais e/ou das leituras ideológicas”.<sup>1</sup>

Nesse sentido, alegro-me imensamente com o presente livro, com o qual Elizangela Chaves Dias e Leonardo Agostini Fernandes nos ajudam a compreender melhor dois capítulos do livro de Josué. Entre os escritos bíblicos, justamente o livro de Josué, na opinião de alguns, é tido como o mais violento e injusto na Bíblia. No entanto, vale a pena investir em “observações mais exatas, a fim de descobrir o que realmente se encontra escrito na Bíblia”.<sup>2</sup>

Com as duas narrativas bíblicas de Js 2 e Js 6, as quais guardam muitas conexões entre si, os dois autores acolhem tradições que originaram a celebração popular do *cerco de Jericó*. De certo, a grandiosidade dos textos sagrados, quase automaticamente, instiga o ser humano a querer encenar o que é narrado. Isso me parece bom, por mais que se corra o risco de a materialização de imagens literárias provocar estreitamentos, capazes de empobrecer as dimensões teológicas que, de forma mais ampla, pertencem à narrativa poética contida na Bíblia. Todavia, o presente livro caminha na contramão desse perigo. Com o estudo proposto, cada leitor e cada leitora poderão revisitar as narrativas bíblicas em questão e descobrir, novamente e/ou de forma mais ampla, a mensagem rica que lhes é própria.

---

<sup>1</sup> COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA, 2021, n. 8.

<sup>2</sup> LOHFINK, 1999, p. 82.

Também a coautoria formada por Elizangela Chaves Dias e Leonardo Agostini Fernandes é significativa. Quatro olhos veem mais do que dois. E mulher e homem, juntamente, podem ter uma visão mais ampla. Aliás, justamente isso parece ocorrer nos textos bíblicos estudados aqui: Raab, mulher, e os dois espiões, homens enviados a Jericó por Josué, ao dialogarem entre si, melhor enxergam a realidade e a presença de Deus.

Contudo, a parceria pretende ser ainda mais ampla. Por mais que Elizangela Chaves Dias e Leonardo Agostini Fernandes nos conduzam e nos ajudem na compreensão de Js 2 e Js 6, todos somos convidados e convidadas a juntarmos nossos esforços para bem compreendermos a Bíblia. Mais ainda, justamente o Mês da Bíblia em 2022, que é o mês de setembro, oferece uma oportunidade ímpar para, outra vez, acolhermos o livro de Josué em nossas vidas e na nossa fé. Neste ano, pois, a Igreja Católica nos convida à leitura e ao estudo exatamente deste escrito bíblico.

O presente livro inicia uma coleção nova na Editora Paulinas, com o nome de “Formação bíblica”. Espera-se que outros títulos, de formato e qualidade semelhantes, logo possam se juntar a ela. Assim, cada vez mais se investe para que o povo de Deus receba uma boa formação bíblica. Desse modo, faremos valer o desejo que Moisés, justamente, comunicou a Josué, filho de Nun, ministro dele: “Quem dera todo o povo do SENHOR fosse de profetas” (Nm 11,29).

*Matthias Grenzer, PUC-SP*



# APRESENTAÇÃO

Enquanto obra literária religiosa, a Sagrada Escritura, comumente chamada de Bíblia, é um produto posterior ao surgimento da cultura humana. Contudo, enquanto visão de mundo, Gn 1,1-2,4a e Gn 2,4b-25 fazem dela, por serem respectivamente relatos da criação centrados no ser humano, o ponto de partida dessa engenhosa capacidade que lhe permite se adaptar ao meio ambiente e transformá-lo, a fim de garantir sua existência. Então, pode-se dizer, com base em Is 55,10-11 e, principalmente, em Jo 1,14, que a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus que se fez cultura, armou entre nós a sua tenda e nos faz produzir abundantes frutos.

Foi com base nessa percepção, assaz provocativa, que lemos atentamente e estudamos os dois textos que ora apresentamos sob o título: *O cerco de Jericó: análise de Josué 2 e 6*.

O primeiro estudo foi abordado, de modo particular e com a devida profundidade, fazendo-se uso da análise narrativa, concentrada nos seus elementos específicos (exposição, momento estimulante, complicação, clímax, ponto de virada, desfecho e conclusão).

O segundo estudo também seguiu a abordagem sincrônica, pela análise narrativa, concentrando-se na proposta de subdivisão, seguindo as sete partes identificadas em Js 6.

A proposta de apresentação dos dois estudos seguiu o mesmo esquema. Assim, além de oferecer um percurso exegético consistente, houve a preocupação de evidenciar, o máximo possível, a intertextualidade e a continuidade narrativa que existe entre Js 2 e 6.

A análise narrativa, enquanto aproximação sincrônica, considera o texto bíblico na sua forma final e canônica, revelando como está tecido e que força de persuasão contém. Nesse sentido, igualmente, sobressaem os elementos da retórica semítica.

Dentre os pontos relevantes, destaca-se que as traduções propostas foram feitas a partir do hebraico, língua em que os dois textos foram escritos e transmitidos ao longo dos séculos. Assim, valorizou-se a seiva vital presente na língua original, cujo aroma e sabor são próprios.

Sabe-se que a arte da comunicação, oral e escrita, é uma das principais características que separam o ser humano dos demais viventes; logo, pela escolha e pelo uso da análise narrativa, buscou-se compreender e demonstrar o modo como a mensagem foi elaborada e comunicada. A devida atenção ao relato, ao se reconhecer a forma textual de Js 2 e Js 6, permitiu perceber e refletir sobre como a história foi contada e qual o seu objetivo: envolver o leitor na narrativa.

Ao adotar esse procedimento, a análise dos textos revelou que esse envolvimento não ficou preso ao passado, mas continua exercendo a sua influência na vida de quem se dispõe a ler e a ir além da sua superfície, dando-se conta de que existem vários níveis textuais sempre abertos a novas e válidas interpretações.

Entre nós, autores, houve uma grande sintonia. Em primeiro lugar, proporcionada pelos dois textos que exigiram

ser lidos e estudados conjuntamente, pois Js 6 é a lógica continuação de Js 2. Em segundo lugar, porque a abordagem sincrônica, adotada pela análise narrativa, permitiu-nos formar um *dueto*, na tentativa de interpretar os textos, entrelaçando as vozes feminina e masculina, exatamente como soa nas vozes humanas que protagonizam Js 2 e 6.

Sabedores de que nenhuma interpretação é definitiva e que os textos sempre estarão abertos a novas e lícitas hermenêuticas, dependendo da metodologia aplicada, esperamos que nossos leitores não apenas apreciem este livro, mas, onde a fragilidade humana deixou a sua marca, possamos contar com a sua fraterna condescendência.

*Irmã Elizangela Chaves Dias, mscs*  
*Pe. Leonardo Agostini Fernandes*





# INTRODUÇÃO

O sexto livro da Bíblia é um convite aberto ao ouvinte-leitor a participar da conquista, ou melhor, do dom da terra prometida. Os filhos de Israel se encontram na fronteira da terra de Canaã, às margens do rio Jordão, prontos para finalmente entrar na terra que o SENHOR prometera à Abraão e à sua descendência (Gn 12,4-9). O que o ouvinte-leitor provavelmente não espera, na leitura desse livro, é que a narrativa sobre o dom da terra esteja elaborada com uma linguagem bélica e violenta.

Ao se aproximar do livro de Josué, em geral, o ouvinte-leitor fica muito perplexo, pois está repleto de relatos de guerras, crueldades, massacres etc. Ao lado disso e do ponto de vista literário, precisa saber, porém, que nesse livro existe uma notória diferença entre os principais protagonistas envolvidos nas narrativas e suas ações: Deus e os filhos de Israel, mediados pela ilustre figura de Josué, sucessor de Moisés.

A história e as vicissitudes dos filhos de Israel, narradas no AT, seguem o mesmo padrão das narrativas do AOP no que se refere a relatos de guerras, duelos, conquistas, ocupações, destruições de territórios, deportações etc.

Visto, portanto, que o antigo Israel estava plenamente inserido no seu tempo, os autores do livro de Josué fizeram uso da mesma linguagem e imagens que os povos a ele circunvizinhos. Isto explica por que no livro de Josué se

encontra esse modo, violento e terrível aos nossos olhos, de narrar a entrada e a conquista na terra de Canaã, fazendo uso de um vocabulário militar.<sup>1</sup>

O livro de Josué, na BH, abre o conjunto dos livros denominados de *Profetas Anteriores* (Js, Jz, Sm e Rs). Já na LXX, e nas edições cristãs, esses livros foram classificados de *Livros Históricos*.<sup>2</sup> O exame atencioso de toda essa literatura mostra uma continuidade histórica com o Pentateuco, em particular com o livro de Deuterônimo, que lhe serve de introdução e ambientação. Dt 34,9 introduz Josué na narrativa da morte de Moisés, retomada em Js 1,1-2, entrelaçando os relatos e permitindo a percepção da “história” que segue o seu curso.

## 1. NOMENCLATURA

O título do livro advém do seu personagem principal, Josué, que se chamava *Oseias* (Nm 13,8; Dt 32,44). Este nome, porém, foi mudado por Moisés, quando foi eleito para representar a sua tribo na campanha de exploração da terra de Canaã (Nm 13,16). A mudança do nome demonstra que

---

<sup>1</sup> O vocabulário militar regia e predominava na história dos povos antigos: egípcios, assírios, babilônios, persas, gregos e romanos. O antigo Israel, por estar em constante contato com os povos circunvizinhos e por ter passado por inúmeras dominações estrangeiras, também fez uso desse vocabulário (VV.AA., 1997, p. 38-39).

<sup>2</sup> “Os ‘Profetas’, que designam a segunda parte da Bíblia hebraica, dividem-se em ‘profetas anteriores’ e ‘profetas posteriores’, cobrindo duas categorias bem diferentes de livros. Os primeiros são na realidade ‘livros históricos’, enquanto os segundos correspondem aos diferentes conjuntos de prédicas e de elementos biográficos e autográficos dessas personagens típicas de Israel que foram os profetas” (GIBERT, 1999, p. 36).

Moisés possuía autoridade sobre Josué, que, por vontade do SENHOR, acabará de se tornar seu sucessor.

Há uma razão para a mudança. Os dois nomes, Oseias e Josué, vêm da mesma raiz hebraica *yš'*, que, no grau verbal *nifal* (ação reflexiva ou passiva), significa “ser liberto, ser salvo, ser vitorioso”, e, no grau *hifil* (ação causativa), significa “causar libertação, salvar, conceder vitória”. Na mudança, Moisés deslocou o sentido da ação, ao passar de Oseias (*hōšē'a*), forma causativa, para Josué (em hebraico *yehšua'* ou *yehōšua'*, forma mais longa), transformando Oseias em um nome teofórico, pois recebeu as iniciais do Tetragrama Sagrado (YHWH), passando a significar “o SENHOR é salvação” ou “o SENHOR salva” (Js 1,1.9.10).<sup>3</sup>

A forma abreviada *yehšua'* tornou-se a mais comum após o exílio, mas na Obra do Cronista, onde ocorre vinte e nove vezes, prevalece a forma longa *yehōšua'/yehōšua'* (1Cr 24,11; 2Cr 31,15; Esd 2,2; 3,2.8; Ne 3,19). Esta forma foi traduzida pela LXX como Ἰησοῦς (Eclo 46,1; 49,12); o mesmo nome que foi dado ao Filho de Deus encarnado: Jesus (Mt 1,21). Além disso, uma aproximação pode ser feita ao nome Josias, *yō'siyyāhū*, cuja forma abreviada *yō'siyyā* significa “que o SENHOR sustente”. A LXX traduziu por Ἰωσίας, isto é, Josias (1Rs 13,2; 2Rs 21,26).

---

<sup>3</sup> Segundo John E. HARTLEY (1998, p. 680-682), “Todos os feitos salvadores de YHWH fundamentam-se na justiça, refletidos no fato de que ‘justiça’ e ‘salvação’ são muitas vezes paralelos (Is 51,8). Embora cada ato de livramento contenha um elemento de juízo, aqueles que são julgados são culpados e, por isso, merecem essa justiça (Sl 76,8-10). De outro lado, sendo fiel à aliança e à criação do homem à sua própria imagem, Deus age de modo a proporcionar ao homem um meio para se livrar de sua desobediência original. Nesse aspecto, Deus cumpre sua responsabilidade de Redentor ao ser um Salvador. YHWH é, portanto, conhecido como ‘Deus Justo e Salvador’ (Is 45,21)”.

## 2. QUEM FOI JOSUÉ?

Nas narrativas do Pentateuco, Josué é citado como auxiliar de Moisés durante a peregrinação pelo deserto. Filho de Nun e da tribo de Efraim (Ex 33,11; Nm 11,28; 13,8.16; Dt 1,38; 32,44; Js 1,1), era, então, um direto descendente de José e teve um importante papel durante a travessia e o tempo decorrido no deserto. A primeira tarefa foi a de chefiar a batalha contra os amalecitas, sobre a qual foi feito o primeiro registro escrito, por Moisés sob a ordem do SENHOR, para a sua memória (Ex 17,8-16); depois, Josué acompanhou Moisés ao Sinai, quando o SENHOR lhe entregou as placas de pedra contendo o Decálogo (Ex 24,13; 32,17).

Como dito, Josué foi o representante de sua tribo na expedição de reconhecimento da terra de Canaã. No regresso da expedição, à diferença dos outros dez exploradores escolhidos dentre as suas tribos, Josué defendeu, ao lado de Caleb, a possibilidade da conquista da terra e procurou animar a esperança do povo, exortando-o à confiança no SENHOR. Por causa disso e da sua pessoal fidelidade, recebeu a autorização do SENHOR para entrar na terra de Canaã (Nm 14,30.38; 26,65; 32,12).

A figura e a personalidade de Josué crescem no livro; pouco a pouco vai despontando como um segundo Moisés, pois o SENHOR a ele se manifesta e lhe confere a missão de continuar a obra iniciada com Moisés (Js 1,1-5). Josué preparou os filhos de Israel para as admiráveis intervenções do SENHOR (Js 3,5) e, pela narrativa, demonstrou ser um grande líder político e estrategista bélico. A sua missão, porém, revela-se profundamente religiosa e o seu sentido vem da aliança selada com SENHOR (Js 8,30-35).

O valor da vocação e da missão de Josué pode ser definido pela sua incondicional fidelidade à Palavra do SENHOR, em obediência à Torá de Moisés. Por ter resistido à tentação da falta de fé no retorno da expedição em Canaã e por ter-se revelado um fiel companheiro e auxiliar de Moisés, foi escolhido pelo SENHOR como seu sucessor. Comandou a travessia do rio Jordão, a fim de realizar a conquista de Canaã, a terra prometida (Ex 17,8-16; 24,13; 32,17; 33,13; 34,13). Para isso, recebeu do SENHOR, diante dos filhos de Israel, uma autoridade semelhante à que fora dada a Moisés. É o que se depreende, por exemplo, da comparação entre Nm 27,18-23 e Dt 31,7-8.14-15.23; 34,9.

Assim, surge, no livro, um paralelo entre as figuras de Josué e de Moisés. A vocação e a missão de Moisés, para as quais o SENHOR prometeu a sua divina assistência (Ex 3,1-4,18), encontram eco na assistência que o SENHOR prometeu a Josué (Js 5,1-5); como o SENHOR escutou a voz de Moisés (Dt 9,19; 10,10), de igual modo escutará a voz de Josué (Js 10,14); também se diz que os filhos de Israel obedecerão a Josué como obedeceram a Moisés (Js 1,17). A aparição do homem com a espada desembainhada, chefe do exército do SENHOR (Js 5,13-15), é paralela à teofania do anjo do SENHOR na sarça ardente (Ex 3,2-6). A travessia do mar dos Juncos (Ex 14,15-31) é evocada na travessia do rio Jordão (Js 4,23). Por esses paralelos, pode-se dizer que Josué, assim como o grande líder Moisés, adquiriu respeito, veneração e foi exaltado pelo povo (Js 3,7; 4,14), terminando sua vida com o mesmo título do seu predecessor: “servo do SENHOR” (Js 24,29).

Apesar desses paralelos, existe uma notória distância entre Moisés e Josué. Este não promulga leis em nome do SENHOR; ao contrário, aparece como um fiel cumpridor das

ordens, preceitos e leis que foram dados a Moisés e passaram para o livro da Lei, sobre o qual Josué devia meditar dia e noite (Js 1,6-9). Josué, apesar de ser apresentado como um digno sucessor de Moisés, por sua total submissão e obediência ao SENHOR, atuou, muito mais, como um líder bélico, cuja missão foi a de conquistar Canaã e reparti-la entre as tribos. Josué, porém, nunca ocupou, na tradição e na literatura, o mesmo nível de Moisés, mediador, intercessor, juiz e profeta com o qual o SENHOR falava face a face (Dt 34,10-12). Um dado singular, que endossa essa diferença, encontra-se no tempo de vida: Moisés viveu cento e vinte anos (Dt 34,7), enquanto Josué viveu cento e dez anos (Js 24,29).

Fora do livro, que traz seu nome, nota-se a ausência de referências à figura de Josué. Por exemplo, não foi citado nas narrativas clássicas que evocam os momentos fundadores da história do povo eleito (1Sm 12; Sl 78; 105; 106; 136; Ne 9). De igual modo, Josué não foi citado em textos que lembram a ocupação da terra (Sl 44; 68; 80). Apenas Ben Sirac dedicou um belo louvor a Josué (Eclo 46,1-8). Ao lado disso, surpreende que Josué receba apenas duas citações no Novo Testamento (At 7,45; Hb 4,8).

### 3. ESTRUTURA E CONTEÚDO DO LIVRO

A narrativa está articulada em duas direções: para o passado, pois completa a promessa da entrada na terra de Canaã, após a saída do Egito, e a sua conseqüente subdivisão; e para o futuro, pois inaugura uma nova etapa para os filhos de Israel, dando início à passagem de uma situação seminômade para a condição sedentária, pela agricultura, e vida urbana, pois o povo se instalou em cidades.

Josué, eleito sucessor de Moisés, por vontade do SENHOR, recebeu a missão de fazer os filhos de Israel atravessarem o rio Jordão e de estabelecê-los em Canaã. Pela narrativa, isso se deu através de conquistas bélicas, seguidas da divisão do território entre as doze tribos. Esses fatos são apresentados como realização das promessas feitas aos patriarcas. Assim, o povo liberto e organizado, guiado por uma lei, com a posse da terra, se tornava nação.

Um olhar para o desenvolvimento da missão de Josué permite dividir o livro em duas grandes partes, emolduradas por dois discursos.<sup>4</sup> No primeiro discurso, encontram-se dois elementos: a legitimação de Josué pelo SENHOR (Js 1,1-9) e a sua fala como novo líder ao povo (Js 1,10-18). Segue-se a entrada e a ocupação de Canaã, narradas em Js 2,1-12,24. Já a subdivisão do território é narrada em Js 13,1-22,34. No final do livro, encontra-se o discurso de despedida de Josué (Js 23,1-16), através do qual evoca sua missão, seguido da assembleia reunida em Siquém, onde ocorre a renovação da aliança, pela qual a geração que sobreviveu, juntamente com Josué, à entrada e à conquista decidiu permanecer fiel ao SENHOR e à sua aliança (Js 24,1-29).

As últimas seções do livro parecem apêndices. No primeiro, narra-se a morte e a sepultura de Josué, bem como os efeitos da sua vida e missão sobre o povo (Js 24,29-31). No segundo, narra-se o sepultamento dos ossos de José (Js 24,32), cumprindo as palavras do filho dileto de Jacó, em Gn 50,24-25, e que foram assumidas por Moisés em Ex

---

<sup>4</sup> “Josué 2-12 contém um conjunto de relatos sobre a conquista da terra e seus preparativos, enquanto Josué 13-22 apresenta especialmente listas a respeito da divisão da terra em doze partes, segundo o número das tribos de Israel” (RÖMER, 2010, p. 306).

13,19. A última notícia relata a morte do sucessor de Aarão, seu filho Eleazar, e sua sepultura em Gabaá, na montanha de Efraim (Js 24,33).

Esses apêndices envolvem a morte das lideranças, Josué e Eleazar, no sentido de que a missão foi devidamente cumprida. Ser sepultado sobre a própria tumba de família é a forma mais digna, se consideradas as inúmeras mortes que ocorreram no tempo do deserto e a própria morte de Moisés (Dt 34), que, como seus irmãos, Mirian (Nm 20,1) e Aarão (Nm 20,22-29), morreram e foram sepultados fora da terra prometida.

Uma leitura atenta do livro de Josué, todavia, pode revelar uma perspectiva totalmente nova, como no caso do cerco de Jericó. Fazendo uso da linguagem militar, a voz do narrador, na verdade, relata um ato litúrgico protagonizado pela Arca da Aliança, pelos sacerdotes e por todo o povo, sob a liderança de Josué e o comando do SENHOR. A verdadeira arma de Josué e do povo liderado por ele é a fé em Deus e a fiel observância à Torá de Moisés.

Da estrutura do livro, pode-se depreender aspectos da teologia da história salvífica.

O que começou com a teofania do SENHOR a Moisés no Sinai/Horeb (Ex 3,1-4,18), fazendo deste um arauto capaz de inculcar no povo a esperança da libertação e do retorno à terra de Canaã, passou a se realizar com as palavras proferidas pelo SENHOR a Josué e deste ao povo (Js 1,1-18).

A conquista, narrada em Js 2,1-12,24, atesta que o SENHOR cumpre as suas promessas e entrega Canaã aos filhos de Israel pelas mãos de Josué. Esta primeira parte conservou tradições populares antigas sobre combates e ações das doze tribos, que giram em torno do tema da conquista. A narrativa



segue uma lógica interessante: Js 6,1–10,43 é um bloco que limita a conquista entre o futuro território de Judá, Simeão e Benjamim (Jericó, Hai, Betel e Gabaon), região centro-sul; Js 11,1–12,24 é um bloco que mostra como a conquista se estendeu para o norte de Canaã, para o leste e para o oeste do rio Jordão.<sup>5</sup>

Quem escreveu o livro de Josué, pelo visto, não tinha acesso aos detalhes históricos de fato, mas, a partir de fontes acessíveis (talvez tradições populares), procurou agrupar, em torno de Josué, protagonista de maior evidência da conquista, os “fatos” através de um relato breve, no qual a tomada de posse aparece como uma ação militar devidamente planejada e executada no tempo da ação de Josué e da geração que, sob seu comando, atravessou o rio Jordão e conquistou Canaã.

Dado singular se encontra em Js 13,1–22,34, pois são oferecidas listas topográficas, a fim de apresentar ao ouvinte-leitor uma ideia sobre o território que coube a cada uma das doze tribos de Israel. Tais listas podem ter sido inspiradas em dados da administração pública, provenientes dos tempos da monarquia (1Rs 4,7–5,8) e que talvez ainda correspondessem aos distritos da época do(s) autor(es). Tais listas, então, refletem uma retroprojeção para os tempos da conquista.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> As descobertas arqueológicas dos últimos decênios e a documentação produzida, sobre o surgimento dos filhos de Israel em Canaã, se confrontam com as narrativas contidas no livro de Josué. O que pareceu resultar de uma investida rápida, na verdade foi fruto de um demorado e complexo processo (FINKELSTEIN; SILBERMANN, 2002, p. 85-109; LIVERANI, 2003, p. 37-58).

<sup>6</sup> Js 22,1–34 trata de um episódio que envolveu as três tribos que, antes da travessia do rio Jordão, já tinham recebido de Moisés seus territórios na Transjordânia. A condição para tal era a de auxiliar as tribos restantes nos

Assim, foi preservado o modelo de governo, baseado sobre lideranças tribais, antes do surgimento da monarquia no antigo Israel. Fato relevante é que tais listas mostram que a divisão do território foi uma ação conjunta de Josué e do sumo sacerdote Eleazar. Algo que corresponderia ao retorno do exílio sob a liderança de Zorobabel, filho de Salatiel, da casa de Davi, e de Josué, filho de Josedec, sumo sacerdote, durante o domínio persa. São modelos de liderança partilhada muito próximos ao de Josué e Eleazar.<sup>7</sup>

#### 4. VALORES DA NARRATIVA DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO-LITERÁRIO

O livro, primeiramente, oferece ao ouvinte-leitor a impressão de que a conquista da terra foi um sucesso e que os filhos de Israel entraram e se apossaram completamente do território. Contudo, o confronto entre certos textos do livro de Josué com o livro de Juízes revela uma visão diversa sobre a posse da terra, afirmando que a conquista não foi total, que cidades cananeias e grupos cananeus permaneceram no território (Js 11,22-23; 15,13-19.63; 16,10; 17,12.18; 19,47; Jz 1,1-2,5: especialmente Jz 1,19; 2,3; 3,1-6).

Como acenado, as pesquisas arqueológicas indicam que a invasão e tomada de posse da terra de Canaã, pelos filhos

---

combates pela posse de Canaã. O episódio evoca a necessidade de edificar um testemunho de fé capaz de garantir a coesão entre irmãos separados por um divisor natural, o rio Jordão (FERNANDES, 2017, p. 121-123).

<sup>7</sup> “A pequena província de Yehud não atraía muito a atenção dos persas; nossa informação para a história fátual desta região vem sobretudo dos relatos bíblicos (especialmente os contidos nos livros de Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias), que refletem a ideologia da elite judaíta durante o período persa” (RÖMER, 2008, p. 166).

de Israel, não teria ocorrido sob a forma de uma investida bélica relâmpago.<sup>8</sup> As tribos do tempo de Davi e Salomão já se encontravam na Palestina no tempo de Josué, embora não se exclua que algum grupo possa ter vindo de fora, trazendo consigo a experiência de um tempo decorrido no deserto.<sup>9</sup>

Esses dados ajudam a entender que a narrativa procurou, acima de tudo, ressaltar o valor teológico e religioso dos fatos. A história da conquista, então, é narrada para colocar em relevo o cumprimento das promessas divinas (Js 1,3.6.11; 23,14).<sup>10</sup> Nessa história, Josué é o servo fiel e obediente ao SENHOR que, na verdade, desponta como o ilustre protagonista da conquista (Js 23,3). Tudo, em Josué e nas narrativas contidas no seu livro, evidencia esse protagonismo divino.

Pela análise das características literárias da narrativa, percebe-se que seu estilo é parecido ao de um relato de guerra. A descrição está envolvida em exageros e hipérboles, a fim de gerar uma noção bem otimista do relato. Assim, a entrada e a tomada de posse da terra, através de incursões

---

<sup>8</sup> Sobre “O problema da historicidade dos relatos de conquista em Josué” (RÖMER, 2010, p. 315-316).

<sup>9</sup> “Sobre a aparição dos israelitas no território de Canaã se trata de saber como foi – reconstrução histórica – ou de imaginar-se como pode ser – modelos históricos. As preferências dos exegetas se dividem em três modelos: a) Israel vem de fora, em uma onda compactada, e conquista pela força uma parte substancial do território de Canaã; b) Israel vem de fora e vai penetrando por infiltração pacífica e assentamentos estáveis, ao longo de um par de gerações; c) Israel se levanta desde dentro e desbanca a hegemonia das cidades-estado” (ALONSO SCHÖKEL, 1998, p. 414).

<sup>10</sup> Segundo a tradição profética, o SENHOR “encontrou” Israel no Egito e o conduziu pelo deserto (Os 9,10; 11,1-3; Jr 2,2), mas o povo, ao entrar em Canaã, não conseguiu eliminar todos os povos, como narrado no livro de Juízes.

de sucesso, refletem a assistência divina que garante o êxito nas batalhas.

Um exemplo de hipérbole, nesse estilo, encontra-se no número de homens aptos para a guerra. Js 4,13 afirma que Israel contava com 40 mil guerreiros. Uma cifra que faria supor uma população de quase 160 mil pessoas.<sup>11</sup> No século XIII aC, o exército do Egito, bem mais organizado, contava com cerca de 50 mil guerreiros. Tal hipérbole pode ser explicada como valor simbólico, a fim de realçar a mensagem de que os filhos de Israel são um grande povo (Gn 1,27-28; Ex 1,7.9). Nos antigos relatos dos povos do AOP, o uso da hipérbole era um recurso literário muito comum e não era considerado uma mentira como na lógica ocidental.

Na edição final do livro de Josué, depois do exílio na Babilônia, a entrada e a tomada de posse de Canaã foram ampliadas para além da vitória militar do SENHOR, através do seu servo Josué. Para os repatriados, a obediência à Torá se tornou a condição indispensável para não se perder mais a terra (Dt 28). Por isso, Js 1,1-7 é emblemático, pois não mostra Josué apenas como chefe militar, mas também como um rabino que, exclusivamente, devia se dedicar, dia e noite, à meditação da Torá. E em Js 23,6-13 aparece a forte

---

<sup>11</sup> Nm 1,20-46 afirma que os filhos de Israel saídos do Egito contavam 603.550 homens de guerra, sem incluir a tribo de Levi, separada pelo SENHOR para o serviço da tenda-santuário. Já Nm 26,1-56, não obstante toda a geração morta no deserto, ainda contava com 601.730 homens aptos para a guerra. O tempo da conquista foi visto pelo(s) autor(es) como uma profecia que orientava o antigo Israel para os dias de seu apogeu. Admitindo que a OHD teve início durante o reinado de Josias, a primeira edição do livro de Josué (Js 1-12) foi feita provavelmente por funcionários da sua corte, pretendendo mostrar que a ocupação de Canaã foi fruto de uma investida militar, porque o SENHOR era a divindade mais forte (RÖMER, 2008, p. 316).

insistência em cumprir tudo como está na Lei de Moisés. Em tom profético, a história é mestra da vida e das ações prodigiosas que o antigo Israel experimenta em relação à presença e à grandeza do SENHOR.

## 5. ASPECTOS RELIGIOSOS QUE SE DESTACAM NO LIVRO

O tema da *aliança* é central e quatro elementos a evocam: a *circuncisão*, dada a Abraão como sinal da pertença ao povo da promessa (Gn 17,1-27), é o sinal da aliança (Js 5,2-9); a *celebração da primeira Páscoa na terra* (Js 5,10-12) evoca o evento que marcou o sentido da saída do Egito (Ex 12,21-28); a *proclamação da Torá* (Js 8,30-35) resgata a aliança que fora promulgada no Sinai/Horeb (Ex 19,1-24,18) e que foi renovada com a nova geração, nas estepes de Moab (Dt 28,69-30,20); e, enfim, a *solene renovação da aliança* (Js 24,14-27), que, além de evidenciar a obediência de Josué e de sua família aos propósitos do SENHOR, também, do ponto de vista pedagógico, serviu para envolver todas as tribos no processo de transmissão dos eventos para as futuras gerações. Algo, porém, que parece não ter acontecido, pois Jz 2,6-19 figura como uma lógica continuação de Js 24,25-28 e apresenta uma espécie de síntese da deturpação da vida religiosa da geração que sucedeu a de Josué.

O tema da *aliança* revela, sobretudo, a singular característica do SENHOR: um Deus fiel que mantém a palavra dada a Abraão (Gn 12,1-3). Nesse sentido, evocar a fidelidade do SENHOR serviu para exortar o povo à lembrança dos acontecimentos que se deram na época da entrada, da conquista e da divisão de Canaã, e de que as promessas aos patriarcas

continuam vigentes, mas não dispensam a fé e a fidelidade do povo ao SENHOR, seu Deus.

Por conseguinte, deve-se perceber que a fidelidade de Israel deve encontrar sua razão de ser na fidelidade ao SENHOR. É fundamental respeitar a *aliança* e cumprir os mandamentos e as leis (Js 1,8; 8,30-35 ; 23,1–24,28). Sob a lógica da retribuição pelas obras, o SENHOR está com Israel quando vive, observa a aliança e realiza a sua divina vontade. É a partir dessa perspectiva que os acontecimentos são interpretados e se compreende a exigência do *herem* aplicado aos demais povos. O *herem* tinha por objetivo consagrá-los ao SENHOR, a fim de se evitar toda e qualquer forma de desvios e de contaminação da fé com as práticas religiosas dos povos que habitavam Canaã.

Dado singular e que reúne os três aspectos anteriores encontra-se subjacente à imagem de que existe, sob a liderança de Josué, uma unidade civil e religiosa. O que ocorre em Js 24, na assembleia reunida em Siquém, é um ato de compromisso exemplar. Se, por um lado, a fala de Josué atestava a presença e a constante intervenção do SENHOR, por outro lado, na pessoa de Josué, reunido com todas as tribos, encontra-se o sinal da unidade de Israel, que assume a obediência como condição indispensável para a sobrevivência em Canaã. Josué e seus feitos gloriosos, nesse sentido, são uma prolepse, isto é, um vislumbre da monarquia unida que ocorrerá sob o comando de Davi.

## 6. EM SÍNTESE

O livro de Josué não foi escrito para oferecer um relato detalhado de como se deu a conquista da terra de Canaã. O principal objetivo do livro é transmitir uma mensagem

religiosa, ao evidenciar certos episódios em torno da conquista, a fim de demonstrar, acima de tudo, o protagonismo do SENHOR, Deus de Israel, como o autêntico conquistador de Canaã. Ele é o SENHOR dos Exércitos, que agiu através de Josué, um líder obediente, capaz de manter as tribos unidas, como se fossem “um só homem”. A união e a coesão nos propósitos atestam que o fio condutor de toda a narrativa tem a ver com a realização das promessas e com a aliança entre o SENHOR e o povo que escolheu como sua pessoal propriedade (Ex 19,5-6; Js 1,3.6.11; 23,5.14; 24,13).

Do início ao fim, o livro atesta que o SENHOR manteve a palavra dada a Josué; logo, é fiel ao dizer: “estarei contigo” (Js 1,5.9.17; 23,3.10). Em contrapartida, Josué e todo o povo devem, a exemplo do seu Deus, manter fidelidade à Lei que lhes deu através do seu servo Moisés (Js 1,6-9; 3,32-35; 11,15; 23). Ao SENHOR devem servir, pois somente ele é “nosso Deus” (Js 24,18), e, por isso, não devem se contaminar com os demais povos e suas divindades (Js 23,6-13).

Por pertencer, na BH, aos *Profetas Anteriores*, o livro é permeado por uma visão profética da história. O que se deu durante a conquista era uma profecia das futuras realizações, mas também dos futuros fracassos, evocando, assim, à dupla perspectiva presente em Dt 28. Por meio da conquista e da divisão de Canaã, foi possível aludir às fronteiras e aos territórios que, nos relatos, seriam expandidos durante a monarquia com Davi e Salomão.

Se o rio Jordão era um divisor natural da terra prometida (Cisjordânia e Transjordânia), Js 22 atesta um modo de dizer algo sobre as tribos de Rubem, Gad e a meia tribo de Manassés. Ao erigir um altar com pedras às margens do

rio Jordão, quase provocaram uma guerra fratricida, mas a questão religiosa foi resolvida, mostrando como, pelo diálogo entre as partes e pela fé, se salvaguardam as relações tribais. O ato, em si, aponta para a importância da futura instalação da tenda-santuário em Jerusalém, por Davi, e como ela se tornará o epicentro da vida religiosa do povo.

Portanto, a entrada e a conquista de Canaã são dois importantíssimos episódios da história dos filhos de Israel que apontam para a salvação, estritamente ligada à fidelidade ao SENHOR, às suas promessas e ao impacto da aliança. Por certo, Canaã não é uma terra conquistada uma vez por todas, mas sim uma conquista diária, símbolo da realização pessoal pela obediência incondicional da fé. Assim, atesta-se que a terra boa e fértil é, de um lado, pura dádiva do SENHOR, porém, de outro lado, é também fruto do empenho humano para guardá-la e protegê-la de tudo o que pode ferir a aliança. Entrar em Canaã e viver dos seus frutos evoca o paraíso perdido, mas reencontrado na bondade e na misericórdia do SENHOR, que nunca abandona a sua sublime criatura, criada à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27).